A IMPORTÂNCIA DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESISTÊNCIA, ARTE E MUSICALIDADE

ELENICE NEVES ROMUALDO

RESUMO
A capoeira constitui uma importante manifestação cultural afro-brasileira que articula corpo, música, oralidade, ancestralidade e resistência histórica. No contexto da educação infantil, sua inserção pedagógica contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e identitário das crianças, além de fortalecer práticas educativas antirracistas e interculturais. Este artigo discute a importância da capoeira na educação infantil, enfatizando sua dimensão histórica, artística e musical, bem como seu papel na valorização da cultura afrobrasileira e na construção de identidades positivas. Fundamentado em autores que discutem educação, cultura afro-brasileira e infância, o estudo evidencia que a capoeira ultrapassa a dimensão esportiva, configurando-se como ferramenta pedagógica capaz de promover inclusão, pertencimento cultural, respeito à diversidade e desenvolvimento integral das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira; Educação Infantil; Cultura Afro-Brasileira; Musicalidade; Educação Antirracista.

INTRODUÇÃO

A educação infantil representa uma das etapas mais importantes na formação humana, pois é durante a infância que as crianças constroem valores, percepções culturais, identidades e formas de se relacionar com o mundo. Nesse contexto, práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural tornam-se fundamentais para a construção de uma educação democrática, inclusiva e antirracista.

A educação infantil representa uma das etapas mais importantes na formação humana, pois é durante a infância que as crianças constroem valores, percepções culturais, identidades e formas de se relacionar com o mundo. Nesse contexto, práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural tornam-se fundamentais para a construção de uma educação democrática, inclusiva e antirracista. É nesse período que as crianças começam a compreender as diferenças existentes na sociedade, atribuindo significados às características físicas, culturais, sociais e étnicas presentes em seu cotidiano. Por isso, a escola possui um papel essencial na formação de sujeitos capazes de respeitar a pluralidade e reconhecer a riqueza das diferentes culturas que constituem a sociedade brasileira.

A valorização da diversidade cultural na educação infantil contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima e da identidade das crianças, especialmente das crianças negras, indígenas e pertencentes a grupos historicamente marginalizados. Quando o ambiente escolar oferece representatividade por meio de brinquedos, histórias, músicas, imagens, danças e práticas culturais diversas, promove-se o reconhecimento positivo das múltiplas identidades presentes na sala de aula. Dessa maneira, a escola deixa de reproduzir padrões eurocêntricos excludentes e passa a atuar como espaço de resistência às desigualdades e aos preconceitos estruturais.

Além disso, práticas pedagógicas fundamentadas na diversidade cultural favorecem experiências de convivência baseadas no respeito, na empatia e na valorização das diferenças. A criança aprende, desde cedo, que não existe uma cultura superior à outra, mas sim diferentes formas de viver, sentir, falar, brincar e produzir conhecimento. Esse processo é fundamental para o enfrentamento do racismo, da discriminação e das violências simbólicas que ainda persistem no espaço escolar e na sociedade. Conforme defende Paulo Freire, a educação deve ser um instrumento de libertação e conscientização, possibilitando que os sujeitos compreendam criticamente a realidade e atuem na transformação social.

Nesse sentido, torna-se indispensável que os educadores desenvolvam práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista e multicultural. Isso implica repensar currículos, materiais didáticos e metodologias que, muitas vezes, invisibilizam ou estereotipam as contribuições dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas na formação histórica e cultural do Brasil. A implementação das

Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 reforça essa necessidade ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as etapas da educação básica, incluindo a educação infantil.
Portanto, promover a diversidade cultural na educação infantil significa reconhecer a infância como espaço legítimo de formação cidadã e transformação social. Ao proporcionar vivências que valorizem diferentes culturas, saberes e identidades, a escola contribui para a formação de crianças mais conscientes, respeitosas e preparadas para conviver em uma sociedade plural. Assim, a educação infantil deixa de ser apenas um espaço de cuidado e socialização e assume também o compromisso ético e político de combater preconceitos e construir relações mais justas e igualitárias desde os primeiros anos de vida.
Entre as manifestações culturais afro-brasileiras que podem contribuir significativamente para esse processo, destaca-se a capoeira. Muito além de uma luta ou atividade física, a capoeira constitui expressão cultural complexa que reúne dança, música, oralidade, ancestralidade, resistência e coletividade. Originada no período escravista como forma de resistência dos africanos escravizados no Brasil, ela carrega marcas históricas da luta pela liberdade e preservação das identidades culturais negras.
Segundo Soares (2004), a capoeira nasceu como prática de resistência diante das violências impostas pelo sistema escravista, tornando-se símbolo de sobrevivência cultural e afirmação identitária da população negra. Dessa maneira, sua presença no ambiente escolar ultrapassa a dimensão recreativa, assumindo papel político e pedagógico.
Além disso, a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, reforça a necessidade de práticas educativas comprometidas com a valorização das matrizes africanas. Nesse sentido, a capoeira apresenta-se como importante instrumento pedagógico, capaz de integrar movimento corporal, musicalidade, ludicidade e consciência histórica.
Este artigo tem como objetivo analisar a importância da capoeira na educação infantil, destacando suas contribuições para o desenvolvimento integral das crianças, para o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira e para a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

A CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

A capoeira possui profundas raízes na história da população negra no Brasil. Desenvolvida pelos africanos escravizados e seus descendentes, constituiu-se como forma de resistência cultural, corporal e política diante das opressões do período colonial e escravista.
Durante muito tempo, a capoeira foi criminalizada e associada à marginalidade. O Código Penal de 1890 chegou a proibir sua prática, demonstrando como manifestações culturais negras eram perseguidas pelo Estado brasileiro. Entretanto, apesar da repressão, a capoeira resistiu e preservou elementos fundamentais da ancestralidade africana, como a musicalidade, a oralidade, os rituais e o sentido comunitário.

CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

A capoeira constitui uma das mais expressivas manifestações da cultura afro-brasileira, configurando-se não apenas como prática corporal, mas como patrimônio histórico, político e simbólico profundamente enraizado na trajetória de resistência da população negra no Brasil. Forjada no contexto da escravidão colonial, a capoeira emergiu como linguagem de sobrevivência e afirmação identitária dos africanos escravizados e de seus descendentes, articulando corporeidade, musicalidade, ancestralidade e luta em uma complexa rede de saberes transmitidos entre gerações. Sua existência revela, portanto, a potência criadora das culturas africanas diante dos processos de opressão, desumanização e silenciamento impostos pelo regime escravista.
Historicamente, a capoeira desenvolveu-se nos espaços marginalizados das cidades e dos engenhos, tornando-se símbolo da resistência negra contra a violência colonial. Conforme analisa Carlos Eugênio Líbano Soares, a prática da capoeira esteve intimamente associada às experiências de sociabilidade, defesa e organização dos sujeitos negros no Brasil oitocentista. Em suas pesqui-

sas, o autor demonstra que os capoeiras não eram meros "desordeiros", como frequentemente representados pelos discursos oficiais, mas agentes históricos que construíam formas coletivas de enfrentamento às estruturas de dominação racial e social.

Nesse contexto, a criminalização da capoeira revela as profundas marcas do racismo estrutural na formação do Estado brasileiro. O Código Penal de 1890, ao tipificar a "capoeiragem" como crime, institucionalizou a perseguição às manifestações culturais negras, evidenciando a tentativa de controlar corpos, práticas culturais e formas de organização popular oriundas da população afrodescendente. Tal repressão não se limitava à dimensão jurídica, mas integrava um projeto de embranquecimento cultural que buscava apagar referências africanas da identidade nacional. Conforme argumenta Kabengele Munanga, o racismo brasileiro operou historicamente por meio da negação simbólica das culturas negras, produzindo mecanismos de exclusão que atingiam não apenas os sujeitos, mas também suas formas de expressão, religiosidade e memória coletiva.

Apesar das inúmeras tentativas de apagamento, a capoeira resistiu e consolidou-se como espaço de preservação da ancestralidade africana. Seus cantos, instrumentos, rituais e movimentos corporais constituem verdadeiros arquivos vivos da memória afro-brasileira, mantendo vínculos profundos com tradições culturais oriundas do continente africano. O berimbau, os atabaques, as ladainhas e as rodas traduzem modos de existência fundamentados na oralidade, na coletividade e na circularidade do conhecimento — elementos centrais das epistemologias africanas e afro-diaspóricas.

Sob essa perspectiva, a capoeira ultrapassa a compreensão reducionista de luta ou esporte, afirmando-se como prática civilizatória e pedagógica. Para Paulo Freire, os saberes populares constituem instrumentos legítimos de produção de conhecimento e conscientização crítica. A capoeira, enquanto expressão cultural nascida da resistência popular negra, carrega potencial educativo capaz de promover pertencimento, valorização identitária e emancipação social. Sua dimensão pedagógica manifesta-se tanto na transmissão oral dos ensinamentos quanto na construção coletiva de valores como respeito, solidariedade, disciplina e consciência histórica.

Do mesmo modo, Nestor Capoeira afirma que a roda de capoeira representa um território simbólico de partilha cultural, no qual o corpo se converte em linguagem de memória e resistência. Cada movimento, canto ou toque ritualiza experiências históricas da diáspora africana, transformando a roda em espaço de continuidade ancestral e reafirmação identitária. Trata-se, portanto, de uma prática que articula estética, política e espiritualidade em um mesmo universo cultural.

O reconhecimento institucional da capoeira como patrimônio cultural representa, nesse sentido, uma conquista histórica dos movimentos negros e dos mestres que mantiveram viva essa tradição ao longo dos séculos. Em 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou a roda de capoeira e o ofício dos mestres como patrimônio cultural brasileiro. Posteriormente, em 2014, a UNESCO reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, legitimando internacionalmente sua relevância histórica e civilizatória.

Assim, compreender a capoeira como patrimônio histórico e cultural implica reconhecer sua centralidade na formação da identidade brasileira e sua relevância enquanto expressão de resistência negra. Mais do que manifestação artística ou corporal, a capoeira constitui um legado ancestral que preserva memórias de luta, liberdade e pertencimento. Sua inserção nos espaços educacionais, especialmente na educação infantil, representa um importante instrumento de valorização da cultura afro-brasileira e de enfrentamento ao racismo, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade, a justiça social e a democratização do conhecimento.

De acordo com Rego (1968), a capoeira representa uma síntese cultural afro-brasileira construída na resistência e na preservação das tradições africanas em território brasileiro. Sua prática envolve não apenas movimentos corporais, mas também cantos, instrumentos musicais, narrativas históricas e formas coletivas

fundamental na construção de uma pedagogia antirracista, pois possibilita que a criança negra se reconheça como sujeito histórico, cultural e político.
Conforme afirma Nilma Lino Gomes, "a identidade negra é uma construção social, histórica, cultural e plural" (GOMES, 2005). A autora argumenta que a escola possui papel central na forma como crianças negras constroem sua autoimagem e compreendem sua posição na sociedade. Dessa maneira, práticas pedagógicas fundamentadas na valorização da cultura afrobrasileira tornam-se instrumentos de resistência ao racismo e de promoção da igualdade racial.
A capoeira, enquanto expressão ancestral afro-brasileira, preserva elementos simbólicos profundamente ligados à memória coletiva da população negra. Seus cantos, ritmos, instrumentos e movimentos corporais carregam marcas históricas da diáspora africana e das estratégias de resistência desenvolvidas pelos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil. Assim, a roda de capoeira transforma-se em espaço de transmissão cultural, reafirmação identitária e valorização da ancestralidade africana.
Para Kabengele Munanga, "a recuperação da identidade negra começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais e morais" (MUNANGA, 2009). Tal reflexão evidencia que o enfrentamento do racismo exige não apenas mudanças legais ou institucionais, mas também a valorização simbólica das culturas negras nos espaços educativos. Nesse contexto, a capoeira contribui para desconstruir representações negativas historicamente associadas à população negra, promovendo referências positivas de beleza, força, inteligência e criatividade.
Além disso, a dimensão coletiva da capoeira favorece práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na cooperação e na construção compartilhada do conhecimento. A roda de capoeira constitui um espaço de interação em que o aprendizado ocorre por meio da oralidade, da escuta, da musicalidade e da convivência comunitária. Tal perspectiva aproxima-se das concepções pedagógicas de Paulo Freire, para quem "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (Pedagogia da Autonomia, 1996). Sob essa ótica, a capoeira possibilita experiências educativas nas quais a criança participa ativamente do processo de aprendizagem, valorizando saberes culturais muitas vezes excluídos do currículo escolar tradicional.
A dimensão ancestral presente na capoeira também pode ser compreendida a partir das reflexões de bell hooks, que defende a educação como prática de liberdade e instrumento de transformação social. Para a autora, "a sala de aula continua sendo o espaço de possibilidade mais radical da academia" (Ensinando a Transgredir, 2013). Ao incorporar manifestações culturais afro-brasileiras no cotidiano escolar, a educação infantil amplia essas possibilidades de transformação, criando espaços de reconhecimento e pertencimento para crianças historicamente marginalizadas.
Do mesmo modo, Conceição Evaristo enfatiza a importância da memória e da ancestralidade na constituição da identidade negra. Em sua perspectiva, narrar experiências negras significa romper silêncios históricos e afirmar existências constantemente negadas pela lógica colonial. Embora sua produção literária esteja centrada na escrevivência, suas reflexões dialogam profundamente com a proposta pedagógica da capoeira enquanto prática de resistência cultural e valorização das memórias afro-brasileiras.
Portanto, inserir a capoeira na educação infantil significa reconhecer o espaço escolar como território de disputa simbólica e transformação social. Mais do que atividade corporal ou recreativa, a capoeira constitui uma prática educativa capaz de fortalecer identidades, preservar ancestralidades e promover uma educação efetivamente antirracista. Ao valorizar as culturas afro-brasileiras e proporcionar referências positivas às crianças negras, a escola contribui para a construção de relações mais justas, democráticas e humanizadoras desde os primeiros anos da infância.
Nilma Lino Gomes (2012) destaca que a valorização das culturas afrobrasileiras no ambiente escolar constitui elemento essencial para a construção de uma educação antirracista. Nesse contexto, a capoeira possibilita que crianças negras se reconheçam como sujeitos históricos

e culturais, rompendo com representações estigmatizadas construídas ao longo da história.

Ao mesmo tempo, crianças não negras aprendem a reconhecer e respeitar a diversidade cultural brasileira, desenvolvendo atitudes mais empáticas e democráticas.

A roda de capoeira também favorece práticas educativas baseadas na coletividade, no respeito e na solidariedade. Valores como cooperação, escuta, diálogo e respeito às diferenças são constantemente vivenciados durante as atividades. Assim, a capoeira contribui para a formação ética e cidadã das crianças, fortalecendo práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão e a justiça social.

A CAPOEIRA E A LEI Nº 10.639/2003

A implementação da Lei nº 10.639/2003 representou importante avanço na educação brasileira ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Entretanto, muitos desafios ainda dificultam a efetivação dessa legislação, especialmente no que se refere à formação docente e à construção de práticas pedagógicas permanentes. Nesse cenário, a capoeira apresenta-se como importante recurso interdisciplinar para o trabalho com a cultura afro-brasileira na educação infantil.

Por meio da capoeira, é possível integrar diferentes áreas do conhecimento, como música, movimento, história, linguagem e artes. Além disso, sua prática favorece abordagens interdisciplinares que articulam ludicidade, cultura e formação cidadã.

Por meio da capoeira, é possível integrar diferentes áreas do conhecimento, como música, movimento, história, linguagem e artes, tornando o processo de aprendizagem mais significativo, dinâmico e contextualizado. Sua prática permite que a criança desenvolva habilidades cognitivas, motoras, afetivas e sociais de maneira articulada, respeitando as múltiplas formas de expressão presentes na infância. Nesse sentido, a capoeira ultrapassa a dimensão da atividade física e consolida-se como importante instrumento pedagógico na educação infantil, favorecendo experiências educativas pautadas na ludicidade, na criatividade e na valorização da cultura afro-brasileira.

A musicalidade presente na roda de capoeira, expressa por meio do berimbau, dos atabaques, das palmas e das cantigas, contribui para o desenvolvimento da oralidade, da percepção rítmica, da memória e da linguagem. As canções entoadas durante a prática carregam elementos históricos e culturais que possibilitam às crianças o contato com narrativas da resistência negra, da ancestralidade africana e das tradições populares brasileiras. Ao mesmo tempo, os movimentos corporais estimulam coordenação motora, equilíbrio, lateralidade, expressão corporal e consciência do próprio corpo, aspectos fundamentais para o desenvolvimento integral na infância.

Além disso, a capoeira favorece abordagens interdisciplinares ao articular cultura, corporeidade e formação cidadã em uma mesma prática educativa. Por meio dela, é possível trabalhar conteúdos relacionados à história da escravidão, à cultura afro-brasileira, às manifestações artísticas populares e às relações étnico-raciais, promovendo reflexões sobre respeito, diversidade e combate ao preconceito. Dessa forma, a capoeira contribui para a efetivação de práticas pedagógicas antirracistas e para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva.

Segundo Kabengele Munanga, a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras no espaço escolar constitui elemento essencial para o enfrentamento do racismo e para a construção de identidades positivas entre crianças negras. O autor afirma que "o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra, mas também aos alunos de outras ascendências étnicas" (MUNANGA, 2005), pois permite compreender a contribuição dos povos africanos na formação histórica e cultural do Brasil. Sob essa perspectiva, a capoeira atua como prática educativa capaz de romper silenciamentos históricos e ampliar o reconhecimento da diversidade cultural brasileira.

As contribuições de Paulo Freire também dialogam com essa perspectiva interdisciplinar e humanizadora da educação. Para Freire, ensinar exige o reconhecimento dos saberes culturais dos educandos e a construção de práticas pedagógicas conectadas à realidade social dos sujeitos. Em Pedagogia da Autonomia

(1996), o autor afirma que "não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes". A capoeira, nesse sentido, legitima conhecimentos historicamente marginalizados pela lógica eurocêntrica escolar, valorizando saberes corporais, orais e populares como formas legítimas de produção de conhecimento.
Do mesmo modo, Nilma Lino Gomes destaca que a educação antirracista exige práticas pedagógicas capazes de reconhecer a pluralidade cultural presente na sociedade brasileira. Para a autora, trabalhar a cultura afro-brasileira na escola significa romper com currículos excludentes e construir experiências educativas comprometidas com a igualdade racial e a valorização das diferenças.
Nesse contexto, a capoeira apresenta-se como potente ferramenta pedagógica, pois possibilita aprendizagens que articulam corpo, memória, cultura e identidade de maneira sensível e coletiva.
Assim, ao integrar música, arte, movimento, história e linguagem, a capoeira transforma o espaço escolar em ambiente de troca cultural, pertencimento e formação cidadã. Sua presença na educação infantil contribui não apenas para o desenvolvimento integral das crianças, mas também para a construção de uma pedagogia comprometida com a valorização da ancestralidade africana, com o respeito à diversidade e com o enfrentamento das desigualdades raciais desde os primeiros anos da infância.
Segundo Munanga (2005), o combate ao racismo na escola exige mudanças curriculares e valorização das matrizes africanas como parte constitutiva da identidade brasileira. A capoeira, nesse sentido, atua como ferramenta concreta de valorização da cultura negra e de construção de práticas educativas antirracistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira constitui uma importante ferramenta pedagógica na educação infantil, uma vez que articula desenvolvimento corporal, musicalidade, ancestralidade, identidade cultural e formação ética em uma perspectiva educativa ampla e humanizadora. Mais do que simples atividade física ou prática recreativa, a capoeira representa uma manifestação cultural profundamente vinculada à história de resistência da população negra no Brasil, preservando tradições afro-brasileiras que durante séculos foram marginalizadas e silenciadas pelas estruturas sociais e institucionais marcadas pelo racismo.
Ao integrar corpo, música, oralidade, arte e memória coletiva, a capoeira possibilita experiências educativas significativas, nas quais a criança aprende por meio da ludicidade, da interação e da vivência cultural. Sua presença no ambiente escolar amplia as possibilidades pedagógicas da educação infantil ao valorizar múltiplas linguagens e diferentes formas de produção de conhecimento, rompendo com perspectivas eurocêntricas que historicamente desconsideraram os saberes afro-brasileiros nos currículos escolares.
Nesse sentido, a inserção da capoeira na escola contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima e da identidade das crianças negras, oferecendo referências positivas de pertencimento étnico-racial e valorização cultural. Em uma sociedade atravessada pelas desigualdades raciais e pela permanência do racismo estrutural, práticas pedagógicas fundamentadas na cultura afro-brasileira tornam-se fundamentais para a construção de uma educação antirracista, democrática e inclusiva. Conforme defende Nilma Lino Gomes, a valorização da identidade negra no espaço escolar constitui elemento essencial para o enfrentamento das práticas discriminatórias e para a promoção da igualdade racial na educação.
Além disso, a capoeira favorece o desenvolvimento integral das crianças, estimulando habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas de maneira coletiva e interdisciplinar. Seus movimentos corporais contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio e da consciência corporal, enquanto a musicalidade e a oralidade presentes na roda ampliam experiências relacionadas à linguagem, à memória e à expressão artística. Simultaneamente, a dinâmica coletiva da capoeira fortalece valores como respeito, solidariedade, cooperação e convivência comunitária, fundamentais para a formação cidadã desde os primeiros anos da infância.
As reflexões de Paulo Freire permitem compreender a relevância de práticas pedagógicas que reconheçam os saberes culturais populares como formas legítimas de educação e emancipação social. Para o autor, a educação deve

possibilitar aos sujeitos a leitura crítica do mundo e a valorização de suas identidades culturais. Sob essa perspectiva, a capoeira configura-se como prática educativa capaz de promover pertencimento, consciência histórica e transformação social, especialmente ao inserir no espaço escolar conhecimentos historicamente marginalizados.

Portanto, a presença da capoeira na educação infantil ultrapassa a dimensão pedagógica tradicional e assume caráter social, político e cultural. Trata-se de uma prática educativa que promove inclusão, pertencimento e valorização da diversidade, contribuindo para a formação de crianças mais conscientes, respeitosas e preparadas para conviver em uma sociedade plural. Inserir a capoeira no cotidiano escolar significa, assim, reconhecer a educação como espaço de resistência, memória e transformação, no qual diferentes culturas e identidades possam ser valorizadas de forma igualitária e humanizadora.

Ao integrar música, movimento e oralidade, a capoeira amplia experiências educativas significativas e promove aprendizagens que ultrapassam os limites do currículo tradicional. Dessa forma, sua presença na educação infantil reafirma a importância de uma escola comprometida com a pluralidade cultural, com a inclusão e com a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, 2003.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

SODRÉ, Muniz. Mestre Bimba: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.